



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA**

GABRIELA MONTEIRO DA SILVA

**A IMPORTÂNCIA DA AULA DE CAMPO DE GEOGRAFIA PARA
OS ALUNOS DO 6º AO 9º ANOS DA ESCOLA SANTA MARIA NO
MUNICÍPIO DE QUEIMADAS – PB**

**CAMPINA GRANDE – PB
2017**

GABRIELA MONTEIRO DA SILVA

**A IMPORTÂNCIA DA AULA DE CAMPO DE GEOGRAFIA PARA
OS ALUNOS DO 6º AO 9º ANOS DA ESCOLA SANTA MARIA NO
MUNICÍPIO DE QUEIMADAS – PB**

Artigo científico de conclusão de curso apresentado ao curso de Licenciatura Plena em Geografia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito para obtenção do Grau de Licenciado em Geografia.

Orientador: Prof. Ms. Hélio de Oliveira Nascimento

**Campina Grande – PB
2017**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586i Silva, Gabriela Monteiro da.
A importância da aula de campo de geografia para os alunos do 6º ao 9º anos da Escola Santa Maria no Município de Queimadas - PB [manuscrito] : / Gabriela Monteiro da Silva. - 2017.
26 p. : il. colorido.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2017.
"Orientação : Prof. Me. Hélio de Oliveira Nascimento , Coordenação do Curso de Geografia - CEDUC."

1. Ensino aprendizagem. 2. Aula de campo. 3. Ensino de geografia.

21. ed. CDD 372.89

GABRIELA MONTEIRO DA SILVA

A IMPORTÂNCIA DA AULA DE CAMPO DE GEOGRAFIA PARA
OS ALUNOS DO 6º AO 9º ANOS DA ESCOLA SANTA MARIA NO
MUNICÍPIO DE QUEIMADAS – PB

Artigo científico de conclusão de curso
apresentado ao curso de Licenciatura Plena em
Geografia da Universidade Estadual da Paraíba,
como requisito para obtenção do Grau de
Licenciado em Geografia.

Aprovado em: 14/12/2017.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Ms. Hélio de Oliveira Nascimento
DG - Universidade Estadual da Paraíba
Orientador

Prof. Dr. Agnaldo Barbosa dos Santos
DG - Universidade Estadual da Paraíba
Examinador

Prof. Dr. Joana D'Arc Arújo Ferreira
DG - Universidade Estadual da Paraíba
Examinadora

CAMPINA GRANDE – PB
2017

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	4
2	LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA DO MUNICÍPIO DE QUEIMADAS – PB.....	5
	a. – Localização Espacial da Escola Santa Maria na Cidade de Queimadas – PB.....	7
3	A IMPORTÂNCIA DA GEOGRAFIA NO ENSINO FUNDAMENTAL II.....	9
	a. – A Influência e Importância das Aulas de Campo no Processo de Ensino/aprendizagem.....	11
	b. – Os Procedimentos Tomados pelos Professores para uma Aula de Campo.....	14
4	A ESCOLA E SUA IMPORTÂNCIA NO DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO NO ENSINO FUNDAMENTAL II.....	15
	a. – A Aula de Campo como Complemento dos Conteúdos de Sala de Aula...17	
	CONCLUSÃO.....	23
	Abstract.....	24
	REFERÊNCIAS.....	25

RESUMO

SILVA, Gabriela Monteiro da. **A importância das aulas de campo de Geografia para os alunos do 6º ao 9º Anos da Escola Santa Maria no Município de Queimadas – PB**, 2017. Artigo (Graduação). Licenciatura Plena em Geografia. CEDUC/UEPB. Campina Grande-PB, 2017.

Há distintos recursos didáticos e metodológicos para um ensino eficaz e uma aprendizagem clara na Geografia, assim como às outras disciplinas escolares pode ter seus conteúdos transmitidos de diversas maneiras, além do modo mais tradicional da sala de aula. O presente trabalho tem como objeto de estudo a experiência de uma aula de campo na disciplina de Geografia com alunos do Fundamental II da Escola Santa Maria situada em Queimadas – PB, observando nos municípios de João Pessoa e Cabedelo – PB os elementos geográficos relevantes. A atividade realizada com as turmas do 6º ao 9º Ano, teve por objetivo oportunizar o alunado a associar o conhecimento teórico com o prático, através da visitação *in loco*, observando as paisagens naturais e artificiais dos lugares visitados, e ainda, se vendo como um elemento dentro dela, assim despertando o aprendizado da matéria geográfica, por meio desta metodologia. Destacando a relevância do ensino da Geografia nesse ciclo como auxílio à formação de um futuro cidadão ativo e a importância dessa metodologia no ensino, quando bem organizada e planejada, confirma-se com uma aula didática e interativa, permitindo que o alunado ser atuante, interagindo mais na construção do seu conhecimento geográfico, e assim, valorizando o processo de ensino e aprendizagem dos conteúdos didáticos.

Palavras-chave: Geografia, aula de campo, paisagem, aprendizagem.

1 INTRODUÇÃO

A geografia escolar não deve ser apresentada em partes física e humana que são estudadas separadamente, seu objetivo é promover a compreensão da relação do homem com a natureza, na construção das paisagens. E com o tempo, como esta foi sendo organizada pelas ações antrópicas em busca de satisfazer as suas necessidades acompanhando a modernidade. Dentro dessa perspectiva o ensino de Geografia também se modificou.

Há diversos recursos didáticos e metodológicos para um ensino eficaz e uma aprendizagem clara. Na Geografia assim como em outras disciplinas podem ter seus conteúdos ensinados de várias maneiras, além do modo mais conhecido na sala de aula. O presente trabalho que tem como objeto de estudo a experiência de uma aula de campo na disciplina de Geografia com alunos do Fundamental II da Escola Santa Maria situada em Queimadas – PB, observando nos municípios de João Pessoa e Cabedelo – PB os

elementos geográficos relevantes, conduzindo-os à observação das paisagens naturais e artificiais dos lugares visitados. Sendo ainda, a paisagem percebida através dos sentidos dos alunos durante a realização da aula.

O trabalho foi norteado por autores como, Cavalcanti (2002), Carvalho (1941), Libâneo (1994), Lopes (2010), Santos (1988) entre outros. A aula de campo por sua vez é um instrumento metodológico que favorece a aprendizagem numa forma prática que envolve a observação do aluno e interpretação *in loco*.

O presente trabalho divide-se em três partes, na primeira, apresenta a localização geográfica do Município de Queimadas – PB, como também a localização espacial da Escola Santa Maria, local onde se inicia a proposta da aula de campo.

Na segunda parte, trata-se importância da Geografia no ensino fundamental II na formação do futuro cidadão, da influência e importância das aulas de campo no processo de ensino e aprendizagem, aproximando teoria e prática e dos procedimentos tomados pelo professor para uma aula de campo, contando com planejamento e organização.

Na terceira parte, é abordada a escola e sua importância no desenvolvimento da educação, apresentada como ambiente de múltiplos saberes, e ainda, a aula de campo como complemento dos conteúdos de sala de aula, apresentando como realizou a experiência na prática. Assim, comprovando que a referida aula de campo se concretizou com planejamento.

2. LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA DO MUNICÍPIO DE QUEIMADAS – PB

O Município de Queimadas, encontra-se situado no Planalto da Borborema, na mesorregião do Agreste Paraibano, inserido na microrregião de Campina Grande, localiza-se entre as coordenadas geográficas: 7° 21' 05" Sul e 35° 54' 02" Oeste. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2017), o município conta com uma área de 409,2 Km², estando a uma altitude média de 450 m, limitando-se pelos municípios de Barra de Santana ao sul, Campina Grande ao norte, Caturité a oeste, Fagundes a leste e Gado Bravo ao sul. O mapa abaixo destaca a localização geográfica do referido município.

Figura 01: Mapa do Estado da Paraíba e o Município de Queimadas, 2010.



Fonte: MACIEL, P. B. Ascensão e Declínio da Produção de Mamona no Sítio Maracajá – Queimadas – PB. Campina Grande, 2010.

Inicialmente a área do município era habitada por indígenas da tribo Cariris, que se aproveitavam da umidade da Serra de Bodopitá e da facilidade em conseguir água. Uma vez que tornava-se um recurso raro nos períodos de estiagem. Por volta do ano de 1712, o governo português com o intuito de explorar a colônia, fez uma doação de terras para quem prestou serviço à Coroa e tivesse condições de explorar as terras doadas. Tratava-se do sistema de sesmarias e de data (Estatuto jurídico implantado por Portugal no período do Brasil Colônia, que consistia em distribuir terras para incentivar a produção da colônia, abolido em 1822, devido a independência do Brasil) de acordo com Lopes (2010). A data que hoje corresponde ao município de Queimadas foi doada a Pascácio de Oliveira Ledo.

A prática de atear fogo na mata, utilizada como o primeiro procedimento para o preparo da terra deu origem ao nome Tataguassu, que significa em Tupi Guarani, fogo grande. Ela era muito utilizada para abrir áreas de pastagens para o gado e também espaço para a agricultura. Ainda Lopes (2010), foi no século XIX, que a localidade recebeu seu nome definitivo, devido as pessoas residentes em Fagundes que iam para o

Boqueirão da Serra de Bodopitá e ateavam fogo na mata para utilizar a área para agricultura e pecuária. A partir dessa prática tão comum as pessoas que se dirigiam para o local falavam: “Vamos para as queimadas”. E desde então surgiu o topônimo.

2.1 – Localização Espacial da Escola Santa Maria na Cidade de Queimadas – PB.

A Escola Santa Maria encontra-se localizada na sede do município de Queimadas – PB. A mesma situa-se na rua José Ferreira Dantas com o número 143, no Bairro Vila, ver a figura 02 a seguir.

Figura 02: Imagem de Satélite Localização Espacial na Cidade de Queimadas - Escola Santa Maria, 2017.



Fonte: Google Earth. Acesso 06 jul. 2017.

Fundada em 1994, quando possuía apenas uma sala de aula com oito alunos, ver a figura 03 a seguir. Hoje a Escola atende desde a Educação Infantil ao 9º Ano do Ensino Fundamental II, nos turnos manhã e tarde. Conta com o total de dez salas de aula, todas funcionando, possui ainda biblioteca, brinquedoteca, laboratório, de ballet, de arte, de leitura, de áudio e vídeo e ginásio, etc.

Figura 03: Fachada da Escola Santa Maria em 1994.



Fonte: <http://tataguassu.blogspot.com.br/2011/01/memoria-fotografica-de-queimadas-um-dia.html>

Com uma estrutura física totalmente projetada e uma equipe de profissionais qualificados, permanece desde sua fundação sob a gestão dos mesmos proprietários, sendo a referida escola de ordem particular. A Escola é referência no ensino de qualidade dentre as escolas privadas da cidade, oferecendo, por exemplo, aos seus alunos aulas de ballet e de futsal, atividades que trazem na sua execução benefícios como melhorar a coordenação motora, aumento da criatividade e da concentração, aprender a trabalhar em grupo e a seguir regras, ser mais colaborador, menos individualista e outros hábitos e habilidades fundamentais em seu desenvolvimento escolar e social.

Figura 04: Fachada da Escola Santa Maria em 2017.



Fonte: SILVA, Gabriela Monteiro da. Pesquisa de Campo, Queimadas, 07/2017.

Durante toda a sua trajetória a Escola sempre foi referência em compromisso e trabalho, transmitindo para os seus alunos os conteúdos didáticos e também temas do cotidiano, assim buscando sempre educar da melhor forma com conceitos que estão dentro e fora da sala de aula sendo presentes na vida do educando que está em processo de formação do futuro cidadão. Entre os anos de 2012 e 2013, a Escola passou por uma reforma, com objetivo de proporcionar mais conforto aos profissionais que nela trabalham e aos seus alunos, conforme a figura 04.

3. A IMPORTÂNCIA DA GEOGRAFIA NO ENSINO FUNDAMENTAL II

A Geografia possibilita uma melhor percepção das mudanças produzidas pelas sociedades e pela própria natureza nas paisagens, tornando-se assim um instrumento de interpretação do mundo para os alunos. Ela possui um papel importante dentro da educação, que é fazer do aluno um ser humano participativo e crítico dos conhecimentos que lhe são transmitidos dentro e fora da sala de aula, desse modo, contribui na construção de sua própria história. Assim, uma de suas funções é auxiliar o aluno a entender a paisagem e seu processo de construção natural ou alterado pela ação antrópica, analisando a natureza e a sociedade.

Cavalcanti (2002, p. 12) afirma que: “Há um pressuposto mais geral de que o ensino é um processo que contém componentes fundamentais e entre eles há de se

destacar os objetivos, os conteúdos e os métodos [...]”. Afirmando-se o seu valor por meio dessa base, até mesmo porque não há ensino de qualidade sem que haja esses componentes fundamentais em sua prática cotidiana, é através deles que se auxilia a formação do aluno e futuro cidadão. Ainda Cavalcanti (2002) destaca que:

Com essa abordagem, os conteúdos geográficos tornam-se mais eficazes no sentido de cumprir efetivamente com sua tarefa na escola, que é a de contribuir para a formação geral dos cidadãos. É isso que justifica a presença dessa disciplina na escola de nível fundamental e médio. Essa contribuição refere-se à possibilidade de leitura da realidade que esse saber disciplinar especializado possui e que pode compor as capacidades cognitivas dos cidadãos (CAVALCANTI, 2002, p. 14).

Como por exemplo, os conhecimentos geográficos podem levar o aluno a conhecer através da análise e da interpretação, o mundo e sua organização nos aspectos mundial, nacional e local, e também a relação sociedade/natureza. Para Neves (2015) “Explorar diferentes localidades, começando pelo entorno da escola, da casa, do bairro, desde a educação infantil, é um importante aprendizado para a criança, através do qual ela vai, ao longo da vida escolar, percebendo o espaço geográfico e reconhecendo toda a sua complexidade”. E assim, fazendo com que perceba que também faz parte desse ambiente e, com isso, despertar a sua cidadania e o seu pensamento crítico. É de uma relevância significativa a metodologia que faz a aproximação dos conteúdos escolares com a vida cotidiana do aluno, como uma aula de campo, que admite associação do senso comum com os conhecimentos científicos.

Para Cavalcanti (2002, p. 47):

“O ensino de Geografia contribui para a formação da cidadania através da prática de construção e reconstrução de conhecimentos, habilidades, valores que ampliam a capacidade de crianças e jovens compreenderem o mundo em que vivem e atuam, numa escola organizada como um espaço aberto e vivo de culturas”.

Assim, podendo desenvolver suas capacidades e experimentar novos conhecimentos dentro da sala de aula, e também, em outros ambientes, num processo de aprendizagem diferenciado e mediado pelo professor, auxiliando na interpretação do mundo e na organização da sociedade onde está inserido. Para Callai (2005, p. 228): “[...] Nesse contexto, a geografia, como componente curricular (tradicional) na escola básica, também se modifica, seja por força das políticas públicas (PCNs, por exemplo), seja por exigências da própria ciência”. Desse modo, a Geografia apresenta grande

importância nessa fase de ensino sendo transmitida de uma menos tradicional, se adaptando a modernidade do tempo.

Santos (1988, p. 63) afirma que: “A geografia não é mais o estudo da paisagem, como imaginavam nossos colegas de antanho; não é que eles estivessem errados, apenas houve grandes transformações no mundo [...]”. As transformações referidas pelo autor aconteceram também no âmbito escolar, não se ver mais o ensino de Geografia, por exemplo, como conteúdos apenas para se decorar e assuntos que não possuem nenhuma ligação com a realidade dos alunos. O método de trabalhar assuntos associando a vivência do aluno para aproximar conteúdo didático e realidade está cada vez mais presente nas aulas.

Trabalhar o conhecimento prévio do aluno associando ao conteúdo didático é importante para deixar a aula mais próxima da sua realidade, esse conhecimento deve ser relacionado para valorizar a vivência pessoal do aluno nas aulas de geografia, desse modo entende-se que a absolvição do assunto torna-se melhor. O professor pode interagir relacionando, por exemplo, o conteúdo rural e urbano. Diante de tudo que já foi exposto até aqui, a aula de campo surge como uma ferramenta de conhecimento possuindo enorme importância no processo de ensino e aprendizagem na disciplina de geografia.

3.1 – A Influência e Importância das Aulas de Campo no Processo de Ensino/aprendizagem.

Na Geografia a aula de campo permite um aprendizado diferenciado com a junção de teoria/prática. E possui um grande valor, sobretudo quando trabalhado sobre o conhecimento prévio dos alunos, isto é, quando trabalhado previamente pelo professor. A aula de campo é uma atividade de grande relevância no processo de ensino-aprendizagem de Geografia, buscando desenvolver no aluno a compreensão e associação da teoria do conteúdo transmitido em sala de aula com a prática, através da observação *in loco*, tornando assim maior a absolvição das informações e o interesse pela matéria de geografia. Segundo Silva (2002, p. 1) afirma que:

Entendo, portanto, que - como instrumento, técnica, método ou meio - o trabalho de campo vem a ser toda a atividade que proporciona a construção do conhecimento em ambiente externo ao das quatro paredes, através da concretização de experiências que promovam a observação, a percepção, o contato, o registro, a descrição e representação, a análise e reflexão crítica de

uma dada realidade, bem como a elaboração conceitual como parte de um processo intelectual mais amplo, que é o *ensino escolar*.

Desse modo é uma metodologia de ensino que envolve a observação, a análise e a interpretação dos fenômenos que ocorrem no ambiente visitado, possuindo assim uma eficácia no processo ensino/aprendizagem, permitindo ao alunado uma experiência única. E que certamente não é possível de se ter na sala de aula, uma vez que a percepção é totalmente diferente. Para Scortegagna; Negrão (2005, p. 37): “Particularmente em Geografia, as práticas de campo apresentam infinitas possibilidades de pesquisa e investigação, pois é na ciência geográfica que aspectos físicos e humanos se tornam objetos de estudo concomitantes”. Dessa forma, a aula de campo torna-se a prática dos conhecimentos físico e humano da Geografia acontecendo ao mesmo tempo no local visitado.

Cavalcanti (2002, p. 91) afirma que: “A indicação desse procedimento para o ensino de Geografia deve-se ao valor pedagógico que têm as saídas a campo para o estudo da paisagem, da natureza, de espaços específicos como fábricas, parques, equipamentos urbanos, e do espaço geográfico em geral”. A ideia central da aula de campo é propor uma atividade prática e dinâmica, dando oportunidade ao aluno de ser um agente ativo na construção do conhecimento geográfico adquirido na sala de aula. Assim “Essa estratégia permite trabalhar conceitos chave da Geografia: espaço, território, paisagem e lugar como categorias imprescindíveis para a explicação e a compreensão na análise geográfica, ajudando o educando a desvendar a natureza dos lugares e do mundo como habitat do homem” (PCN, 1998, p. 55).

Apresenta-se como uma ferramenta metodológica diferenciada pois coloca o aluno diante a materialidade de assuntos didáticos ou não necessariamente, assim levando-o a reconhecer que a Geografia está por toda parte, além da sala de aula. SCORTEGAGNA; NEGRÃO (2005, p. 37): “Os trabalhos de campo são fundamentais para o aluno observar e interpretar a região onde vive e trabalha, produzindo seu próprio conhecimento, adquirindo competência para tornar-se um agente transformador em seu meio”.

Importante também destacar a postura do professor diante desta metodologia, uma vez que se propõem a realizar a aula de campo precisa de planejamento e organização para conseguir executar todas as etapas com êxito. Caso contrário, corre-se o risco de perder o objetivo pedagógico da saída a campo por imprevistos de situações

que estão fora do planejado. Desse modo, o professor deve estar aberto para administrar a prática e suas consequências, Cordeiro e Oliveira (2011) afirmam que:

O educador precisa trazer novas metodologias de ensino para sala de aula e desta forma estabelecer de maneira coerente a ligação entre os conteúdos estudados e a realidade do aluno. Desta forma, poder-se-ia levar os educandos a integrarem nas aulas, favorecendo o diálogo, a troca de experiências e o desenvolvimento do conhecimento de forma prática e precisa. (CORDEIRO e OLIVEIRA, 2011, p. 102)

Há outras ações importantes desenvolvidas pelos, como a colaboração para realizar trabalho em grupo, o gosto pela pesquisa, a análise da paisagem e sua construção, e também, uma maior interação entre o professor e os alunos, que segundo Libâneo (1994) “é um aspecto fundamental da organização da ‘situação didática’, tendo em vista alcançar os objetivos do processo de ensino: a transmissão e assimilação dos conhecimentos, hábitos e habilidades”.

Ainda para CORDEIRO; OLIVEIRA (2011, p. 103) declara que: “[...] Esse posicionamento faz com que o educando perceba que a Geografia vai além de algumas páginas de um livro, ou de uma sala de aula, mas que pode ser presenciada em diversos meios que o próprio aluno vivencia em seu cotidiano”. É importante ressaltar que não somente os ambientes próximos da vivência do aluno são propícios para se realizar uma aula de campo, se pode realizar também com locais desconhecidos porém tomando-se todos os cuidados necessários de planejamento.

Para Silva (2002, p.1): “O trabalho de campo constitui-se como instrumento fundamental para essa “leitura”, por meio da qual se desvenda o entorno e se estabelece a mediação entre o registro, o conhecimento já sistematizado e informado e o seu significado [...]”. A importância dessa metodologia no ensino de geografia se confirma como uma aula interativa e ainda permite que o aluno seja atuante na construção do seu conhecimento geográfico. Ainda Silva, afirma ainda que:

A isso, independentemente de outras referências, denomino *trabalho de campo*, uma e não única forma de construir conhecimento e de gerar atitudes e habilidade específicas do ensino da Geografia e, mais amplas, de formação social, pelo seu papel integrador uma vez que estimula relações afetivas e cognitivas, da mesma forma que desenvolve uma percepção apreciativa do espaço geográfico num contexto menos formal que o da sala de aula tradicional. Daí sua relevância pedagógica (SILVA, 2002, p. 1).

É válido ainda ressaltar que a aula de campo é uma ferramenta no ensino de Geografia, e não deve ser utilizada como instrumento único para o mesmo ou de maior

valor que os outros, mais sim, como um instrumento que auxilia à prática e à teoria no conhecimento da disciplina. Assim, o professor como mediador de conhecimentos deve mostrar ao aluno novas formas de aprendizado com o ensino, além do tradicional, onde o professor fala e o aluno só escuta absorvendo sem questionar. Contudo, é necessário que o professor domine a técnica, para não se tornar apenas mais uma aula cansativa, tirando o “prazer” da aula de campo e se transformando em mais um aprendizado mecânico ou um passeio de lazer.

3.2 – Os Procedimentos Tomados pelos Professores para uma Aula de Campo.

Ao se propor uma aula de campo o professor deve pensar nela inicialmente com as seguintes etapas: pré-campo, campo e pós-campo. Na primeira etapa o pré-campo, se encontra o planejamento e a organização para se concretizar a aula. Definir quais os pontos que vão ser observados, e se possível fazer uma visita na área onde será realizado a aula de campo. Sobre a importância da visita prévia do professor ao local, segundo Sternberg (1946) apud Neves (2015, p. 25-26) “De acordo com o autor, a excursão prévia do professor ao local onde se realizará o trabalho de campo aumentaria consideravelmente o valor didático dessa atividade, já que forneceria ao professor uma visão geral da área a ser estudada [...]”. Depois de feito os primeiros contatos pelo mesmo, delimitar os pontos a serem estudados, entendendo qual é o foco da aula de campo, o que os alunos terão que observar e o que terão que aprender ao término da aula.

Na metodologia de ensino da aula de campo é importante que seja antecedida uma discussão com para o embasamento dos conteúdos relacionados. Essa discussão leva o professor e o alunado a fundamentar a proposta da aula. Com o objetivo de desenvolver o estudo da teoria com a prática metodológica da aula para assim poder fazer a visita posteriormente com os alunos. Assim Sousa (2016) afirma que: “Planejar o que se pretende obter com essa metodologia didática é fundamental, caso contrário o momento se transformará num momento de turismo”.

Na segunda etapa é realizada a aula de campo propriamente dita, na qual o professor já tem em mãos todo o roteiro planejado da aula e levará os alunos a apreciar o local, unindo o ensino teórico já visto em sala com o presencial. Nessa etapa é

imprescindível não deixar os alunos perderem o objetivo real da aula, pois é possível que haja fatores que distraiam os alunos. Como afirma Neves (2015):

Durante a realização de um trabalho de campo, muitos fatores podem atrair mais a atenção dos alunos do que as atividades propostas pelo professor – ruídos, elementos da paisagem, odores, cores, a própria sensação de liberdade. Por isso, mesmo um trabalho de campo bem estruturado pode ser mal sucedido. Daí a necessidade de planejar meticulosamente todas as atividades que serão realizadas, no sentido de minimizar possíveis elementos negativos e, se possível, explorá-los de forma que se convertam em um aspecto integrado às atividades propostas. (NEVES, 2015, p. 18)

A terceira etapa o pós-campo, constitui a avaliação da aula de campo, essa fica a critério do professor ser individual ou em grupos e dentre as opções de avaliação escrita, relatório, apresentação oral, questionário, confecção de cartaz, vídeos, ou qualquer outra metodologia proposta até mesmo pelo padrão de avaliação da escola, venha a verificar o embasamento teórico e empírico, podendo ainda, se pedir ou não a utilização de imagens do local como fotografias e ou o relato pessoal por escrito ou oralmente dos alunos.

Sobre a importância da avaliação realizada ao retornar do campo Neves (2015) afirma que: “O relato de campo pode compreender elementos não só da fase de realização da atividade de campo e a consequente coleta e registro de informações, como também da fase de planejamento e organização”. Ficando claro que ao retornar da aula é muito importante se fazer uma avaliação para reforçar o que foi realizado. E deixar claro que não se trata de um passeio turístico. Portanto, fica evidenciado que trata-se de um momento de produção do conhecimento sempre com um embasamento teórico.

4 A ESCOLA E SUA IMPORTÂNCIA NO DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO NO ENSINO FUNDAMENTAL II.

A escola apresenta dentre suas funções ser uma transmissora de conhecimentos, é também, um local onde há um conjunto de relações entre alunos, professores, diretores, funcionários e pais que estão presentes nessa fase escolar, influenciando na construção do processo de ensino e aprendizagem. E ela, ainda tem como objetivo principal formar cidadãos críticos para viver em sociedade de uma maneira consciente. Cavalcanti afirma que:

A escola é um lugar de encontro de culturas, de saberes, de saberes científicos e de saberes cotidianos, ainda que o seu trabalho tenha como referência básica os saberes científicos. A escola lida com culturas, seja no interior da sala de aula, seja nos demais espaços escolares. E a Geografia escolar é uma das mediações por meio das quais o encontro e o confronto entre culturas se dão (CAVALCANTI, 2002, p. 33).

A educação é sem dúvidas a base principal para o desenvolvimento do aluno. Ainda Cavalcanti (2002) explica que: “A escola é um espaço de encontro e de confronto de saberes produzidos e construídos ao longo da história pela humanidade”. É nesse espaço que se faz o aluno aprender com o conhecimento científico trabalhado na sala de aula aliado ao conhecimento cotidiano, sendo ele construído e reconstruído todos os dias, o professor possui uma função de mediador que se apresenta muito importante nesse processo. Libanêo (1994, p. 253) destaca que: “A aprendizagem não é uma atividade que nasce espontaneamente dos alunos; o estudo muitas vezes não é uma tarefa que eles cumprem com prazer [...]. É nesse ponto que se evidencia o importante papel do professor em estimular nos alunos a curiosidade, a busca pelo saber científico.

Como afirma Cavalcanti (2002):

[...] Ensino é um processo de conhecimento do aluno mediado pelo professor, no qual estão envolvidos, de forma interdependente, os objetivos, os conteúdos, os métodos e as formas organizativas do ensino. Nesse processo, os objetivos devem nortear os conteúdos e os métodos. E os procedimentos são as formas operacionais do método de ensino, isto é, são atividades para viabilizar o processo de ensino, tal como ele é concebido teórica e metodologicamente (CAVALCANTI, 2020, p. 71-72).

O professor como um membro importante deste processo tem que estar bem preparado e atualizado. Devendo dar ao educando novas oportunidades de aprendizado, inovando a sua prática, para além daquelas tradicionais, onde o professor fala e o aluno só escuta absorvendo sem questionar. Cavalcanti (2002, p. 23) afirma que: “[...] A experiência de professores, suas representações sobre a Geografia, sobre os conhecimentos geográficos, sobre sua própria profissão são, assim, elementos importantes para compreender as necessidades e as possibilidades de alterações de sua prática profissional”. Fazendo-se necessário entender que a aprendizagem do professor também é constante, sendo ele, um mediador de conhecimentos dentro e fora da sala de aula.

A Escola Santa Maria fornece total apoio a aula de campo na disciplina de Geografia, da seguinte forma: informando aos pais e responsáveis da referida aula e,

pedindo autorização dos mesmos para saída dos alunos, agendamento do veículo apropriado para transporte dos alunos e professores e demais suporte que for necessário.

4.1 – A Aula de Campo como Complemento dos Conteúdos de Sala de Aula.

A Geografia possibilita uma melhor percepção das mudanças produzidas pelos seres humanos e pela própria natureza nas paisagens. Dessa forma, o professor pode interagir com essa realidade, relacionando aula. A paisagem é resultante de movimentos, das formas, de funções da realidade da sociedade. Assim, não apenas o visível é paisagem, Santos (1988, p. 61) afirma que: “Tudo aquilo que nós vemos, o que nossa visão alcança, é a paisagem [...]. Não é formada apenas de volumes, mas também de cores, movimento, odores, sons etc”. E essa percepção da paisagem é absorvida pelos alunos numa aula de campo.

Juntamente com a modernidade vem as exigências de adequação ou troca para alguns conceitos que são aparentemente permanentes, porém quando não apresenta correspondência com os avanços de cada período, é substituído. Assim, afirma Holzer (1999, p. 149): “Na geografia, o conceito de ‘paisagem’ foi considerado como objeto central de seus estudos, para depois ser relegado a uma posição marginal, em detrimento de outros conceitos considerados como mais adequados às necessidades contemporâneas”. Nas ciências essa adequação é algo comum. Nos períodos da Geografia, houve a troca de conceitos e substituição por outros, como por exemplo, seu objeto de estudo. Hoje ela tem como seu objeto de estudo a sociedade e tudo que lhe confere.

A aula de campo se constitui como um elemento essencial para dinamizar o ensino da Geografia, promovendo a integração entre teoria e prática nos alunos, uma vez que se encontra no local visitado situações novas que favorecem a aprendizagem e estimulam a curiosidade pelo conteúdo. Também deve ser evidenciado que a atividade de campo já era realizada em viagens há muito tempo, através de observações e análises das paisagens por diferentes profissionais e com distintos objetivos. Como afirma Neves (2015):

A investigação dos fenômenos *in loco* esteve ligada ao próprio surgimento da Ciência Geográfica, sendo especialmente utilizada por Alexander von Humboldt, considerado um dos pais da Geografia, em suas viagens ao redor do mundo. Nesse tipo de viagem, era comum a formação de uma equipe constituída por profissionais das mais diversas áreas que coletavam dados

referentes a clima, vegetação, fauna, relevo, população, hidrografia, entre outros, buscando compreender a dinâmica do espaço geográfico explorado através da descrição, análise, comparação e interpretação dos fenômenos que ela observava (NEVES, 2015, p. 15).

Deve-se ficar claro que a aula de campo precisa estar associada a uma base teórica, que aproxima a vivência do aluno com execução da aula para que nesse momento seja despertado os conhecimentos prévios que foram trabalhados na sala de aula com os conteúdos teóricos, antes da saída para o local de visitação. Assim no momento das observa es *in loco* surgiram os possíveis questionamentos e outras curiosidades que certamente enriquecem a aprendizagem. Caso contrário se não houver um trabalho antes da saída, corre-se o risco de não despertar seu interesse, ou ainda, se perder o objetivo. Como afirma Carvalho (1941):

Enquanto a geografia aparecer ao aluno secundário como uma disciplina que nada tem com a sua vida de todos os dias, enquanto for, para  le, um assunto divorciado da experiência prática, não podemos esperar que desperte o seu interêsse, que venha a representar uma realidade de todos os momentos. De tudo quanto   submetido à nossa inteligência, procura a ciência fornecer aplica es palpáveis, exemplos t picos que justifiquem o conhecimento. Para a geografia, o exemplo por excelência, a situa o concreta é a excursão geográfica. (CARVALHO, 1941, p. 100)

O autor defende a excursão geográfica (ou aula de campo) como uma forma prática de unir a matéria estudada e a realidade vivenciada pelos alunos. Assim, o professor deve utilizar essa estratégia metodológica a seu favor, despertando o interesse pela disciplina de geografia através realidade concreta do aluno, a aula de campo pode ser realizada em ambiente conhecido ou não pelo aluno, quando bem planejada certamente se realizar  com êxito. Kaercher (2001, p. 11) destaca que: “Resumindo: a geografia existe desde sempre, e nós a fazemos diariamente. Romper então com aquela visão de que geografia é algo que só veremos em aulas de geografia”. Aproximando aula e realidade valoriza-se a disciplina, mostrando ao alunado que a Geografia se encontra também fora da escola.

A aula de campo com destino a cidade de João Pessoa-PB aconteceu com a presença dos alunos do fundamental II, e os professores de Geografia, História, Língua portuguesa, Língua inglesa e Artes, e a coordenadora pedagógica da Escola Santa Maria. Antes da viagem os alunos receberam todas as orienta es gerais e do roteiro para a visita o. A saída ocorreu por volta das 07:30 h e o retorno estimado foi de 18:00 h. Tinha-se como objetivo geral realizar uma observa o das características da

Microrregião de João Pessoa (Mesorregião da Zona da Mata Paraibana), nos seguintes aspectos históricos, culturais e naturais deste meio geográfico. Assim que chegamos ao primeiro destino encontramos com o guia que nos passou novas informações e nos acompanhou durante toda a visita.

O primeiro momento foi a visita ao Parque Zoobotânico Arruda Câmara: Bica (Bairro: Roger - João Pessoa), como mostra a figura 05 a seguir. Com origem da antiga mata do Róger e possuindo atualmente 26,4 hectares de área, foi inaugurado no dia 24 de Dezembro de 1922. Seu nome é uma homenagem à memória do botânico paraibano Dr. Manoel de Arruda Câmara. No dia 21 de Setembro de 1999, o Parque recebeu do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA) o registro oficial de Zoológico.

Figura 05: Chegada ao Parque Zoobotânico Arruda Câmara.

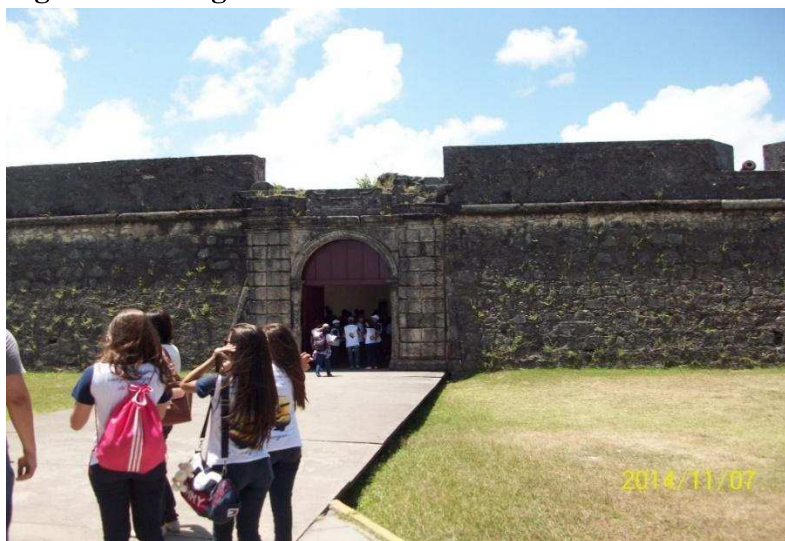


Fonte: SILVA, Gabriela Monteiro da. Pesquisa de Campo, João Pessoa, 11/2014.

Nesse ambiente que é um fragmento de Mata Atlântica, o intuito foi de observar principalmente a formação vegetal e suas características, onde encontram-se dentre outras as espécies de Pau-Brasil (*Caesalpinia echinata*), Jenipapeiro (*Genipa americana*), Ipê-Amarelo (*Tabebuia serratifolia*), Ingazeiro (*Inga edulis*), e também observados animais como aves de rapina, macacos, elefante e outros que aqui se encontram. Na ocasião os alunos foram orientados por um monitor do Parque que lhes passou as informações do que podia e não podia ser feito nas dependências do mesmo, como fazer fotos dos animais sem usar o fleche, por exemplo.

No segundo momento foi visitado Forte Santa Catarina no município de Cabedelo, como mostra figura 06 a seguir. Conta a história que em 1586 o governo de Frutuoso Barbosa reconheceu a necessidade urgente de se construir um forte para a defesa da Cidade de Nossa Senhora das Neves. Nesse ambiente o intuito foi observar um monumento histórico do passado local, aqui os alunos também receberam novas informações sobre o Forte com o guia.

Figura 06: Chegada ao Forte Santa Catarina.



Fonte: SILVA, Gabriela Monteiro da. Pesquisa de Campo, Cabedelo, 11/2014.

Já no interior do Forte, os alunos foram levados a uma sala, onde puderam observar imagens de fatos históricos, através de imagens e desenhos, conforme imagem 07 a seguir. Em 1592 é reconstruído e denominado Forte de Santa Catarina. Um fato curioso é que não há certeza se em homenagem a D. Catarina Duquesa de Bragança, aspirante preterida ao trono português, ou à santa do dia como era costume. O certo é que a capela interna é dedicada a Santa Catarina.

Figura 07: Interior do Forte Santa Catarina.



Fonte: SILVA, Gabriela Monteiro da. Pesquisa de Campo, Cabedelo, 11/2014.

Seguindo as orientações para a referida aula, uma das pausas para notações ocorreu ainda em seu interior com a visão para o Oceano Atlântico, conforme figura 08. Nesse momento as informações foram passadas por outro guia que já estava no Forte. Foi observado também que a escolha para a sua construção foi a ponta de terra à margem direita do Rio Paraíba. Em 1597 teve seu primeiro teste de resistência, quando navios franceses desembarcaram na costa com intensão de invadir o mesmo.

Figura 08: Momento de anotações, interior do Forte Santa Catarina.



Fonte: SILVA, Gabriela Monteiro da. Pesquisa de Campo, Cabedelo, 11/2014.

No terceiro e último momento o local visitado foi a Estação Cabo Branco - Ciência, Cultura e Artes, localizada no Bairro: Altiplano Cabo Branco em João Pessoa, ver figura 09 a seguir. Projetada pelo arquiteto Oscar Niemeyer e inaugurada no dia 03 de julho de 2008. O complexo possui mais de 8.500 m² de área construída, com a missão de levar cultura, arte, ciência e tecnologia à população de forma gratuita. Recebeu o nome de Estação Cabo Branco por meio de votação popular. Nesse ambiente o intuito foi de observar a ação antrópica no local sendo a construção da própria Estação.

Figura 09: Chegada a Estação Cabo Branco.



Fonte: SILVA, Gabriela Monteiro da. Pesquisa de Campo, João Pessoa, 11/2014.

Ainda na Estação Cabo Branco, os alunos tiveram a oportunidade de realizamos uma aula expressão corporal na Sala de Práticas Educacionais e Artísticas, ver figura 10 a seguir. No primeiro momento houve uma espera para depois entrar na Sala, assim que entramos foi feito um alongamento e na ocasião eles foram divididos em dois grupos para encenar sem a utilização da voz, a chegada e partida de uma rodoviária com todos os seus elementos como ônibus, motorista, pessoas se despedindo e etc.

Figura 10: Sala de Práticas Educacionais e Artísticas.



Fonte: SILVA, Gabriela Monteiro da. Pesquisa de Campo, João Pessoa, 11/2014.

A aula de campo por sua vez é um instrumento metodológico que favorece a aprendizagem numa forma prática, como afirma, Neves (2015): “Os trabalhos de campo constituem uma metodologia que engloba a observação, a análise e a interpretação de fenômenos no local e nas condições onde eles ocorrem naturalmente”. Ao retornar a sala de aula os alunos foram mais uma vez orientados sobre os pontos importantes para a produção do relatório da aula, como o processo de ocupação e/ou povoamento da Mesorregião da Zona da Mata Paraibana, a caracterização da Microrregião de João Pessoa nos aspectos demográfico, econômico, sua história, clima, relevo, vegetação, tendo este relatório uma função avaliativa

O objetivo principal dessa aula de campo foi fornecer ao alunado a chance de aplicar o conteúdo geográfico da sala de aula, numa forma concreta diante à experiência da aula de campo nos locais citados acima e fazê-los relacionar a teoria e a prática, assim, observar os elementos naturais e as atividades antrópicas, que compõem essas paisagens.

CONCLUSÃO

As diferentes metodologias no ensino não somente de Geografia mas em qualquer outra disciplina escolar possuem a mesma finalidade, de promover um melhor aproveitamento no ensino/aprendizagem do conteúdo abordado, nesse proposito a aula de campo se apresenta como uma ferramenta para auxiliar o professor em sua prática,

despertando o interesse do aluno para o aprendizado que na maioria das vezes precisa ser motivado. Retirando o alunado da sala de aula ele consegue perceber o ambiente através dos sentidos, situação que não é possível dentro da mesma.

Desse modo, a aula de campo é um recurso favorável na construção do conhecimento e formação da cidadania para os alunos que vão desenvolver habilidades como observação, criticidade, análise, etc. E também para o professor uma vez que permite sensações diferentes para todos, das tradicionais quatro paredes da sala de aula. Desta forma, mostra-se aos alunos que a Geografia está por toda parte, que fazemos ela todos os dias no simples ato de ir e voltar para escola, por exemplo, assim romper com a ideia de que ela está somente nos livros didáticos e na escola.

Pode-se considerar que a aula de campo foi proveitosa para o desenvolvimento da aprendizagem, assim alcançando seu objetivo central de movimentar os alunos para algo novo que eles ainda não tinham vivenciado e assim faze-los despertar para o conhecimento geográfico através da experiência concreta na visitaçao ao Parque Zoobotânico Arruda Câmara, no Forte Santa Catarina e na Estação cabo Branco - Ciência, Cultura e Artes, por meio dela desenvolver suas habilidades enquanto alunos e promover sua formação social.

Abstract

There are distinct didactic and methodological resources for effective teaching and clear learning in Geography, as well as other school disciplines can have their content conveyed in various ways, in addition to the more traditional mode of the classroom. The present work aims to present the experience of a field class in the discipline of Geography with students of Fundamental II of Santa Maria School located in Queimadas – PB, concretized in the municipalities of João Pessoa and Cabedelo in the same state. The activity carried out with the classes from the 6th to the 9th year, had as an objective the student to associate the theoretical knowledge with the practice, through the visitation in loco, observing the natural and artificial landscapes of the points visited, and still seeing as an element from within it, thus awakening the learning of the geographical matter, through this methodology. The relevance of Geography teaching in this cycle as an aid to the formation of a future citizen and the importance of this methodology in teaching, when well organized and planned, is confirmed with a didactic and interactive class, allowing the student to be attenuating, interacting more in the construction of their geographic knowledge, and thus, valuing the teaching and learning process of didactic subjects.

Keywords: Geography, field lesson, landscape, learning.

REFERÊNCIAS

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Geografia (5ª a 8ª séries)**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CALLAI, Helena Copetti. **Aprendendo a ler o mundo: A geografia nos anos iniciais do ensino fundamental**. Cadernos Cedes, vol. 25, n. 66, p. 227-247, Maio/Ago. 2005. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em 22 jul. 2017.

CARVALHO, Delgado de. A excursão geográfica. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, n. 4, p. 96-105. out./dez. 1941. Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/115/rbg_1941_v3_n4.pdf>. Acesso em: 28 mar. 2017.

CAVALCANTI, Lana de S. **Geografia e práticas de ensino**. Goiânia. Alternativa, 2002.

CORDEIRO, Joel M. P.; OLIVEIRA, Aldo G. de. A aula de campo em geografia e suas contribuições para o processo de ensino-aprendizagem na escola. **Revista Geografia (Londrina)**, Londrina, v. 20, n. 2, p. 099-114, maio/ago. 2011. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/geografia>. Acesso em 22 jul. 2017.

HOLZER, Werther. Paisagem, imaginário, identidade: alternativas para o estudo geográfico. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato. (Orgs.). **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999, p.149-168.

https://joaopessoa.pb.gov.br/estacaocb/?page_id=9. Acesso em 17 dez. 2017.

<http://paraibanos.com/joaopessoa/historia-fortaleza.htm>. Acesso em 17 dez. 2017.

https://www.joaopessoa.pb.gov.br/zoobica/?page_id=6. Acesso em 17 dez. 2017.

IBGE. **Censo Demográfico da Paraíba**, 2017.

KAERCHER, N. A. A Geografia é o nosso dia-a-dia. In: CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos; CALLAI, Helena Copetti; SCHÄFFER, Neiva Otero; KAERCHER, Nestor André. **Geografia em sala de aula: práticas e reflexões**. Porto Alegre: UFRGS, 2001, p. 11-22.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

LOPES, Antônio Carlos F. **Queimadas: seu povo sua terra**. 4ª Edição Revisada\Ampliada. Queimadas – PB: Cópias e Papéis, 2010.

MACIEL, Priscila Bastos. **Ascensão e declínio da produção de mamona no sítio Maracajá, Queimadas – PB** (Monografia). UEPB. Campina Grande, 2010.

NEVES, Karina Fernanda T. V. **Os trabalhos de campo no ensino de geografia: reflexões sobre a prática docente na educação básica**. Ilhéus: Editus, 2015.

SANTOS, Milton. **Metamorfose do espaço habitado**. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1988.

SCORTEGAGNA, A.; NEGRÃO, O. B. M. 2005. **Trabalhos de campo na disciplina de Geologia Introdutória: a saída autônoma e seu papel didático**. Terra e Didática, 1(1):36-43. Disponível em: <http://www.ige.unicamp.br/terraedidatica/>. Acesso em 22 jul. 2017.

SILVA, Ana Maria R. **Trabalho de campo: prática “andante” de fazer Geografia**, 2002. Disponível em: <http://wwweducacaopublica.rj.gov.br/biblioteca/geografia/geo03.htm>. Acesso em: 22 jul. 2017.

SOUSA, Cristiane Aureliano de. **A aula de campo como instrumento facilitador da aprendizagem em Geografia no Ensino Fundamental**. 2016. Disponível em: <http://educacaopublica.cederj.edu.br/revista/artigos/a-aula-de-campo-comoinstrumento-facilitador-da-aprendizagem-em-geografia-no-ensino-fundamental>. Acesso em 19 jul. 2017.